

CONSUMO NA CIDADE DO CACAU: ILHÉUS NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX¹

NATÂNIA SILVA FERREIRA 
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ –
 ILHÉUS – BAHIA – BRASIL

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender consumo, categoria de análise da Economia – mas também de outras áreas, como Antropologia e Sociologia – em perspectiva histórica, considerando a cidade de Ilhéus, situada no Sul da Bahia, na passagem para o século XX. Consumo será analisado por três ópticas: consumo e comércio; consumo e cultura material; consumo e apropriação social. Para compreensão de consumo e comércio, serão utilizadas como fontes, recortes de jornais locais, do período de 1914-1923, presentes no Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Para compreensão de consumo e cultura material, serão averiguados objetos materiais, que circularam por Ilhéus entre o final do século XIX e o início do XX, presentes em fotografias da Coleção Cultura do CEDOC-UESC e no Museu da Capitania de Ilhéus (MCI). Para compreensão de consumo e apropriação social, serão utilizados inventários *post-mortem*, dos anos de 1907-1929, presentes no Museu do Cacau de Ilhéus (MCACI).

Palavras-chave: Consumo; Ilhéus; Passagem para o século XX.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand consumption, a category of analysis within Economics – but also within other fields, such as Anthropology and Sociology – from a historical perspective, considering the city of Ilhéus, located in southern Bahia, at the turn of the 20th century. Consumption will be analyzed from three perspectives: consumption and commerce; consumption and material culture; and consumption and social appropriation. To understand consumption and commerce, local newspaper clippings from the period 1914-1923, held at the Regional Documentation and Memory Center (CEDOC) of the State University of Santa Cruz (UESC), will be used as sources. To understand consumption and material culture, we will examine material objects that circulated in Ilhéus between the late 19th and early 20th centuries, present in photographs from the Culture Collection at CEDOC-UESC and the Ilhéus Captaincy Museum (MCI). To understand consumption and social appropriation, *post-mortem* inventories from the years 1907-1929, held at the Ilhéus Cocoa Museum (MCACI), will be used.

¹ Este artigo é fruto de pesquisas do Projeto de Pesquisa intitulado “Consumo: Perspectiva do Tema na História do Pensamento Econômico e na Formação Econômica de Ilhéus (1860-1920)”, cadastrado na PROPP/UESC sob o número 073.6765.2023.0006226-63.

* Doutora em Desenvolvimento Econômico (IE-UNICAMP). Docente do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (DCEC-UESC). Mestra em Ciências, na área de História Econômica, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Graduada em Ciências Econômicas com ênfase em Controladoria e em Ciência e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas (ICSA-UNIFAL/MG). E-mail: nsferreira@uesc.br.

Keywords: Consumption; Ilhéus; Turning Point to the 20th Century.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es comprender el consumo, una categoría de análisis dentro de la Economía – pero también en otras disciplinas, como la Antropología y la Sociología – desde una perspectiva histórica, considerando la ciudad de Ilhéus, ubicada en el sur de Bahía, a principios del siglo XX. Se analizará el consumo desde tres perspectivas: consumo y comercio; consumo y cultura material; y consumo y apropiación social. Para comprender el consumo y el comercio, se utilizarán como fuentes recortes de periódicos locales del período 1914-1923, conservados en el Centro Regional de Documentación y Memoria (CEDOC) de la Universidad Estatal de Santa Cruz (UESC). Para comprender el consumo y la cultura material, examinaremos los objetos materiales que circularon en Ilhéus entre finales del siglo XIX y principios del XX, presentes en fotografías de la Colección Cultura de CEDOC-UESC y el Museo de la Capitanía de Ilhéus (MCI). Para comprender el consumo y la apropiación social, se utilizarán inventarios *post mortem* de los años 1907-1929, conservados en el Museo del Cacao de Ilhéus (MCACI).

Palabras clave: Consumo; Ilhéus; Punto de inflexión del siglo XX.

INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA ECONÔMICA. O CONSUMO E A CIDADE DE ILHÉUS

É consenso entre autores que a História Econômica “descreve os esforços que o homem faz ao longo dos séculos para satisfazer suas necessidades materiais”². Segundo Saes e Saes³:

A História Econômica deve dar conta tanto de identificar as formas pelas quais os homens satisfazem suas necessidades materiais, como também de investigar de que maneira essas formas se alteram ao longo do tempo por meio de diferentes relações entre os homens que participam desse processo (trabalhadores, empresários, consumidores) e de técnicas em constante alteração.

Satisfazer necessidades materiais diz respeito à produção de bens materiais, circulação de bens materiais e, finalmente, consumo de bens materiais. A definição de História Econômica descrita acima ressalta, dentre os agentes dos processos históricos, os consumidores, e isto

² Herbert Heaton, citado por Iglésias (1959, p. 27) apud SAES, Alexandre Macchione; SAES, Flávio Azevedo Marques de. *História Econômica Geral*. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 01.

³ SAES; SAES, 2013, p. 02.

revela, portanto, a relevância do consumo dentro da sociedade, da história e da economia. Desta forma, o conceito central deste trabalho, consumo, é um conceito das Ciências Econômicas e que faz parte da definição de História Econômica.

Na Economia, consumo é definido, inicialmente, atrelado ao processo produtivo: “Utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa. É o objetivo e a fase final do processo produtivo, precedida pelas etapas de fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização”⁴. Entretanto, pressupõe-se uma certa autonomia do consumo, ao afirmar-se que “[...] numa sociedade em que a divisão social e técnica é relativamente complexa, a apropriação e a transformação dos elementos da natureza são separadas, no tempo e no espaço, de seu uso para a satisfação de necessidades humanas”⁵.

Nesse sentido, vale ressaltar as palavras do sociólogo Baudrillard⁶: “É preciso que fique claramente estabelecido desde o início que o consumo é um modo ativo de relação (não apenas com os objetos, mas com a coletividade e com o mundo), um modo de atividade sistemática e de resposta global no qual se funda todo nosso sistema cultural”. Sendo o consumo um modo ativo de relação entre os objetos e a sociedade, pode-se afirmar que é uma prática social determinada historicamente, ou seja, as condições sociais e culturais que influenciam a prática do consumo, como se transformam com o tempo, contribuem para que os costumes de consumo também passem por transformações.

Em História Econômica, Braudel é um nome de destaque quando se trata de consumo. Obra de grande relevância do autor, *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV-XVIII)*, foi dividida em três volumes, um dedicado para “as estruturas do cotidiano”, outro dedicado para “os jogos das trocas”, um terceiro dedicado para “o tempo do mundo”. O primeiro volume oferece contribuições importantes para uma História Econômica do consumo,

⁴ SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de Economia*. São Paulo: Editora Best Seller, 2000, p. 126.

⁵ SANDRONI, 2000, p. 126.

⁶ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5 ed. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 205-206.

pois o autor tratou de uma “civilização material” europeia, sobretudo, mas percorrendo o mundo, tendo citado, inclusive, o Brasil, com Recife⁷, em seu trabalho.

A divisão de *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV-XVIII)* em três partes mostra que a civilização material (ou a cultura material) corresponde ao “primeiro andar” da sociedade, que está, de certa forma, separado das outras esferas (a economia e o capitalismo). Escreveu Braudel⁸: “[...] este esquema tripartido, que lentamente se foi esboçando diante de mim à medida que os elementos de observação se ordenavam praticamente por si, é provavelmente o que os meus leitores acharão mais discutível na presente obra”.

Ainda que o autor não tenha ressaltado uma conexão mais precisa entre a civilização material, a economia e o capitalismo, seu trabalho é de suma importância para uma História Econômica do consumo. Em sua *Civilização material*, Braudel dedicou um capítulo ao “supérfluo e o costumeiro: alimentos e bebidas” e um outro capítulo ao “supérfluo e o costumeiro: o *habitat*, o vestuário e a moda”, que são capítulos que retrataram distintos aspectos do consumo, de várias localidades, com destaque para a Europa.

Outro autor importante que trata de consumo é o historiador francês Daniel Roche, tendo realizado uma crítica à *Civilização material* de Braudel⁹:

[...] da vida material à economia de mercado, desta ao desenvolvimento do capitalismo, a realidade se constrói por estratos superpostos que se articulam entre si, mas permanecem, em parte, dissociados: o estrato da vida material se esquia do domínio da civilização do mercado; tempo e espaços têm sua própria dinâmica.

Foi justamente a divisão entre a civilização material, a economia e o capitalismo, que Roche criticou, o que já previa Braudel. E, da mesma maneira que *Civilização material*, o trabalho de Roche, *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do*

⁷ “Do Brasil, por causa da expulsão dos holandeses do Recife, em 1654, e das perseguições do Santo Ofício contra os marranos portugueses, a cana e os “engenhos” do açúcar encaminham-se no século XVII para a Martinica, Guadalupe, Curacao, a holandesa, Jamaica e São Domingos [...]” (BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo (séculos XV-XVIII)* – Vol. 1: As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 200).

⁸ BRAUDEL, 1997, p. 12.

⁹ ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 16.

século XVII ao XIX, é relevante para o consumo na História Econômica. Especialmente na segunda parte da obra, o autor destaca o que foi denominado “a vida comum”, envolvendo tópicos como a alimentação, os móveis e objetos, o vestuário e a aparência, as moradias.

Assim, dada a definição de História Econômica, que abarca o consumo – quando se trata da satisfação de necessidades materiais – e tendo a noção da relevância do termo, que foi trabalhado em obras de autores relevantes, chega-se ao objetivo deste artigo, que é o de compreender o consumo para a cidade de Ilhéus, situada no Sul da Bahia, na passagem para o século XX.

No período em questão, Ilhéus passou a ter importância no cenário nacional, devido à produção e exportação de cacau¹⁰. Naquele contexto, onde a monocultura cacaujeira inibia tanto o desenvolvimento de outras atividades agropecuárias, como o de outros setores da economia, a exemplo da indústria¹¹, consumo ganha relevância. Neste trabalho, o termo será analisado por três ópticas: consumo e comércio; consumo e cultura material; consumo e apropriação social. Para a compreensão de consumo e comércio, serão utilizadas como fontes, recortes de jornais locais, do período de 1914-1923, presentes no Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Para a compreensão de consumo e cultura material, serão averiguados objetos materiais que circularam por Ilhéus nos séculos XIX e XX, presentes nas imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC da UESC e no Museu da Capitania de Ilhéus (MCI). Para a compreensão de consumo e apropriação social, serão utilizados inventários *post-mortem* dos anos de 1907 a 1929, presentes no Museu do Cacau de Ilhéus (MCACI).

Para tratar de consumo na História Econômica ilheense da passagem do século XIX para o século XX, este artigo conta com 4 seções, discorridas abaixo. A primeira seção tratará da cidade de Ilhéus, a mais importante da zona cacaujeira da Bahia. A segunda seção descreverá as fontes utilizadas para o cumprimento do objetivo proposto. A terceira seção tratará de consumo em Ilhéus, abordando: consumo e comércio na cidade, analisando o que havia

¹⁰ FILHO, Adonias. *Sul da Bahia: chão de cacau - uma civilização regional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹¹ FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. *Os donos dos frutos de ouro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFBA, Salvador, 1979, p. 11.

disponível para consumo; consumo e cultura material em Ilhéus, averiguando objetos materiais que circularam pela cidade; consumo e apropriação, examinando o que realmente foi consumido por inventariados/as e suas famílias, que viveram em Ilhéus, especialmente no início do século XX. Por fim, a quarta e última seção conta com as considerações finais.

A ZONA CACAUEIRA DA BAHIA E A CIDADE DE ILHÉUS ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX: ASPECTOS DE UMA SOCIEDADE

Ao tratar do sul da Bahia como localidade geográfica, especialmente a parte produtora de cacau, Milton Santos diferencia zona cacaueira de região cacaueira. Nas palavras do autor¹², a respeito da existência de zona e região: “[...] pode-se, também, falar da existência, na Bahia, de uma verdadeira região cacaueira, isto é, uma área maior de que faz parte a zona cacaueira, e que a ela está íntima e funcionalmente ligada”.

A zona cacaueira, portanto, compunha a região cacaueira; a zona cacaueira se constituía em um conjunto menor de municípios, dentro da região. Segundo Milton Santos¹³, formavam a zona cacaueira da Bahia os municípios de: Belmonte, Cairu, Camamu, Canavieiras, Coaraci, Ibicaraí, Ilhéus, Ipiaú, Itabuna, Itacaré, Itajuípe, Ituberá, Maraú, Nilo Peçanha, Taperoá, Ubatã, Una, Uruçuca e Valença.

Dentro da zona cacaueira baiana, a economia da cidade de Ilhéus se transformou com o surgimento das primeiras roças de cacau. Na segunda metade do século XVIII, Ilhéus nada mais tinha que a fizesse parecer uma vila. Estava mais próxima de uma aldeia de 280 fogos e menos de 2.000 pessoas. A lavoura era baseada na mandioca e no arroz que, descascado, era vendido para a Bahia (capital), com acréscimo de alguma madeira¹⁴.

¹² SANTOS, Milton. *Zona do Cacau – Introdução do estudo Geográfico*. 2 ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1957, p. 14.

¹³ SANTOS, 1957, p.13

¹⁴ Porém, a respeito do cacau, desde o século XVIII, se constituía em objeto de cultivo no sul da capitania. “A versão mais aceita informa que a introdução do cacau na Bahia se deu por volta de 1746, no atual município de Canavieiras. Somente em 1752 é que as plantações teriam se estendido até Ilhéus” (FREITAS, 1979, p. 11). Sobre o período em que as capitanias hereditárias passaram a ser reais, sendo algumas anexadas a outras, cf.: MONTEIRO, Nuno. “As reformas na monarquia pluricontinental portuguesa: de Pombal a dom Rodrigo de Sousa Coutinho”. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. *O Brasil Colonial: Vol. 3 (1720-1821)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 111-156.

No final do século XVIII, o cacau já aparecia na pauta de exportações baianas, tendo sido exportados 900 quilos em 1778 e 2.160 quilos em 1798¹⁵, porém, foi a partir do final do século XIX, que a economia cacauzeira da cidade de Ilhéus e da zona cacauzeira da Bahia se constituíram em principal atividade regional: no ano de 1895 o cacau se torna a base econômica regional e, no ano de 1930, as colheitas colocam o Brasil entre os maiores produtores do mundo¹⁶.

Os dados contidos na Imagem 1, descritos abaixo, atestam a relevância da produção de cacau no Estado da Bahia entre 1900/1901 e 1930/1931:

Imagem 1: Produção de Cacau – Bahia (1900/1901 – 1930/1931)

ANO	Dados originais (Y) volume (em t.)	Dados estimados (Yc) – volume (em t.) ¹	Variações dos dados originais em relação aos estimados (Y - Yc)
1900/01	11 592	4 520	7 072
1901/02	13 919	7 085	6 834
1902/03	17 597	9 649	7 948
1903/04	14 857	12 214	2 643
1904/05	18 316	14 778	3 538
1905/06	18 982	17 343	1 638
1906/07	22 935	19 907	3 028
1907/08	25 183	22 271	2 912
1908/09	27 196	25 036	2 160
1909/10	29 059	27 600	1 459
1910/11	27 395	30 165	- 2 770
1911/12	31 933	32 729	- 796
1912/13	23 186	35 294	- 12 108
1913/14	36 750	37 858	- 1 108
1914/15	29 253	40 423	- 11 170
1915/16	49 191	42 987	6 204
1916/17	39 189	45 552	- 6 363
1917/18	48 865	48 116	749
1918/19	47 965	50 680	- 2 715
1919/20	39 041	53 245	- 14 204
1920/21	59 616	55 809	3 807
1921/22	25 834	58 374	- 32 540
1922/23	54 724	60 938	- 6 214
1923/24	66 274	63 503	2 771
1924/25	59 186	66 067	- 6 881
1925/26	68 804	68 632	172
1926/27	58 964	71 196	- 11 232
1927/28	77 823	73 761	4 062
1928/29	72 025	76 325	- 4 300
1929/30	66 752	78 890	- 12 138
1930/31	59 080	81 454	- 22 374

Fonte: Garcez; Freitas, 1975, p. 65

¹⁵ FREITAS, 1979, p. 12.

¹⁶ FILHO, Adonias, 1978.

O crescimento dos dados (originais e estimados), em toneladas, mostram uma economia em evolução ao longo de 30 anos, com os picos de produção tendo sido atingidos entre os anos de 1927/1928 (dados originais) e entre 1930/1931 (dados estimados).

Tratando-se de exportações, uma comparação entre Ilhéus e Salvador pode ser realizada. Apesar de os dados serem, a grande maioria, para anos posteriores ao período que envolve este artigo, mostram a relevância da cidade de Ilhéus no total das exportações de cacau. A Imagem 2 apresenta os dados:

Imagem 2: Participação dos portos de Salvador e Ilhéus nas exportações de cacau (amêndoas) da Bahia (1926 – 1959)

Ano	Exportação Cacau Bahia %	Volume		Valor	
		Exportação de Cacau Salvador %	Exportação de Cacau Ilhéus %	Exportação de Cacau Salvador %	Exportação de Cacau Ilhéus %
1926	100	63,0	37,0	58,7	41,3
1927	100	61,7	38,3	61,4	38,6
1928	100	63,8	36,2	63,9	36,1
1929	100	59,2	40,8	59,8	40,2
1930	100	59,8	40,2	59,2	40,8
1931	100	79,7	20,3	79,8	20,2
1932	100	68,6	31,4	68,1	31,9
1933	100	75,7	24,3	74,7	25,3
1934	100	84,4	15,6	84,3	15,7
1935	100	81,6	18,4	81,6	18,4
1936	100	58,9	41,1	56,5	43,5
1937	100	59,6	40,4	64,4	35,6
1938	100	65,6	34,4	67,8	32,2
1939	100	73,1	26,9	75,9	24,1
1940	100	74,8	25,2	72,8	27,2
1941	100	74,4	25,6	76,4	23,6
1942	100	31,1	18,9	82,3	17,7
1943	100	90,0	10,0	90,5	19,5
1944	100	72,1	27,9	73,3	26,7
1945	100	48,0	52,0	46,1	54,9
1946	100	46,4	53,6	46,2	53,8
1947	100	37,4	62,6	36,7	63,3
1948	100	27,4	72,6	28,4	71,6
1949	100	21,1	78,9	23,3	76,7
1950	100	21,0	79,0	20,3	79,7
1951	100	19,6	80,4	20,0	80,0
1952	100	21,4	78,6	21,3	78,7
1953	100	18,0	82,0	15,2	84,8
1954	100	18,7	81,3	18,7	81,3
1955	100	15,4	84,6	15,5	84,5
1956	100	12,8	87,2	12,8	87,2
1957	100	15,4	84,6	17,0	83,0
1958	100	11,9	88,1	11,8	88,2
1959	100	23,1	76,9	20,0	80,0

Fonte: Garcez; Freitas, 1975, p. 69.

Em volume, as exportações de cacau de Ilhéus foram destaque em alguns anos: 1929 e 1930, e 1936 e 1937: cerca de 40%. A partir de 1945, sempre acima de 50%, e os valores foram aumentando com o passar do tempo. Da mesma forma, em valor, as exportações de cacau de Ilhéus, em comparação com Salvador, foram destaque nos anos de 1929, 1930, 1936 e a partir de 1945.

O crescimento da economia do cacau em Ilhéus, na passagem do século XIX para o século XX, não excluía problemas de ordem econômica e social: Costa e Soares¹⁷, ao escreverem sobre a economia cacaueira, explicaram porque o cacau é uma agricultura que contribui de forma muito relevante para a pobreza das regiões exclusivamente produtoras. Os autores citaram os seguintes fatores: pouca utilização de tecnologias modernas; baixo nível escolar e cultural dos produtores; dependência de políticas públicas de proteção; o ofertador não interfere na precificação do produto; produto de racionalidade não capitalista (produtividade e preços são compensados pelo aumento da área de produção); baixa capacidade de investimento e incentivo para *descomoditizar* o produto; baixa capacidade de socialização e cooperação dos produtores.

Na cidade do cacau, onde, por um lado, havia crescimento econômico, considerando o aumento da produção e da exportação do principal produto local; por outro lado, não havia distribuição do crescimento¹⁸, e nem o desenvolvimento de outras atividades agropecuárias ou outros setores da economia, como o industrial, porque a grande maioria dos esforços locais estava voltada para a monocultura cacaueira¹⁹.

¹⁷ COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva. “Cacau, riqueza de pobres”. In: COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva. (Orgs.). Cacau, riqueza de pobres. Ilhéus: Editus, 2015, p. 44.

¹⁸ Vale ressaltar as desigualdades sociais, pois “fome entre os pobres, ao custo da magnificência dos ricos”, eram comuns no cotidiano ilheense (FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. A Bahia em pedaços. Tradução de Aloísio Santos da Cunha e Rafael Sancho Carvalho da Silva. Ilhéus, BA: Editus, 2023, p. 321).

¹⁹ “Os avisos sobre os riscos da monocultura foram ignorados, o custo de vida elevado, particularmente o preço dos alimentos e dos aluguéis, ou até a queda nas exportações, conjunturas menos favoráveis, quando a necessidade de criar alternativas internas tornou-se mais evidente e pesou pouco sobre o pensamento e a ação regional” (FREITAS, 2023, p. 239).

Entretanto, embora a monocultura não tenha possibilitado a ampliação do crescimento econômico regional, gerando grandes desigualdades econômicas e sociais na zona cacaeira, não impediu certa movimentação na cidade de Ilhéus. Nas palavras de Freitas²⁰:

Mesmo considerando a incapacidade da monocultura do cacau em criar e consolidar um desenvolvimento regional autossuficiente graças a uma diversidade econômica da qual Ilhéus pudesse retirar maiores vantagens no longo prazo, de qualquer maneira, entre 1896 e 1937, a cidade foi um grande centro regional, objeto de curiosidade, de interesse e de conversa para muita gente.

Sendo assim, dadas as especificidades ilheenses na passagem do século XIX para o século XX, compreender o consumo para a época se constitui em uma forma a contribuir para a História Econômica local. A seção abaixo destacará as fontes primárias que serão utilizadas para a averiguação do consumo na cidade.

FONTES PARA A COMPREENSÃO DO CONSUMO NA HISTÓRIA ECONÔMICA DE ILHÉUS: RECORTES DE JORNAIS LOCAIS. OBJETOS MATERIAIS E INVENTÁRIOS *POST-MORTEM*

Dentre as várias fontes utilizadas para estudos em História Econômica, neste trabalho, serão analisadas: recortes de jornais; objetos materiais; inventários *post-mortem*.

Os recortes de jornais utilizados serão aqueles que circularam pela cidade de Ilhéus entre os anos de 1914 e 1923, e se encontram na Coleção Hemeroteca do Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Por meio dos 127 anúncios de estabelecimentos comerciais, de produtos e de serviços, será possível compreender o que havia disponível para consumo em Ilhéus. Os jornais que serão utilizados no presente trabalho são três (Jornal de Ilhéus; A Época; Correio de Ilhéus), organizados em cinco períodos pela Hemeroteca do CEDOC – UESC, e estão descritos no Quadro 1 abaixo:

²⁰ FREITAS, 2023, p. 344.

Quadro 1: Jornais selecionados da cidade de Ilhéus (1914-1923)

JORNAL	PERÍODO
Jornal de Ilhéus	1914-1919
Jornal de Ilhéus	1919-1920
A Época	1920-1923
Correio de Ilhéus	1921-1922
Correio de Ilhéus	1922

Fonte: Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

Os objetos materiais são os que se encontram nas imagens da Coleção Cultura do CEDOC da UESC e no Museu da Capitania da cidade de Ilhéus (MCI), datados dos séculos XIX e XX. Por meio da análise de 33 objetos, será possível examinar a relação entre consumo e cultura material em Ilhéus, isto é, entender que objetos materiais fizeram parte da cultura local no período. Os objetos que serão analisados neste artigo foram separados em quatro categorias, descritas no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Objetos materiais que circularam por Ilhéus (séculos XIX e XX)

CATEGORIAS DE BENS
Utensílios Domésticos
Ferramentas para Trabalho
Objetos de Uso Pessoal
Peças de Mobiliário

Fonte: Objetos materiais presentes no MCI e presentes nas imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

Finalmente, os inventários *post-mortem* são os que se encontram no Museu do Cacau de Ilhéus (MCACI), dos anos de 1907 a 1929. Por meio da análise de 32 documentos, será possível entender que bens fizeram parte das vidas de inventariados/as e foram deixados a herdeiros/as, ou seja, será possível a compreensão de estruturas de riquezas ilheenses. Neste artigo, os inventários *post-mortem* serão utilizados para analisar conjuntos de bens deixados por inventariados/as ilheenses, que faleceram no início do século XX. Assim, será possível compreender o que, de fato, tal estrato social consumiu e deixou de herança. Abaixo, no Quadro

3, estão descritos os anos de início dos 32 processos de inventários *post-mortem* selecionados, considerando o período de 1907 a 1929:

Quadro 3: Inventários *post-mortem* da cidade de Ilhéus (1907-1929)

ANO	QUANTIDADE	ANO	QUANTIDADE
1907	1	1918	0
1908	0	1919	0
1909	0	1920	3
1910	0	1921	2
1911	2	1922	1
1912	0	1923	4
1913	0	1924	0
1914	0	1925	1
1915	4	1926	4
1916	1	1927	3
1917	2	1928	2
		1929	2
Total		32	

Fonte: Inventários *post-mortem* presentes no MCACI.

Na próxima seção, o consumo em Ilhéus será compreendido, primeiramente, em associação com o comércio de bens e de serviços, onde poderá ser averiguado o que havia disponível para consumo; depois, em associação com a cultura material, onde poderá ser analisado o conjunto de objetos materiais que circularam pela cidade; finalmente, em associação com um grupo social, onde poderão ser examinados bens deixados por inventariados/as, o que se constitui em compreender suas estruturas de riquezas.

COMÉRCIO. CULTURA MATERIAL E APROPRIAÇÃO SOCIAL: O CONSUMO NA CIDADE DE ILHÉUS NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

O que havia para consumir? Consumo e Comércio em Ilhéus (1914-1923)

A respeito da relevância do comércio na zona cacauceira baiana, fez grandes lucros, tanto pela exportação do cacau, quanto pelo abastecimento regional, pois pela particularidade da

monocultura, a grande maioria dos produtos que se demandava, do essencial ao supérfluo, era importado. Muitos produtos passaram pela Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista. Importava-se arroz, feijão, farinha de trigo, milho, sal, bebidas alcoólicas, bacalhau, charque, café, tecidos, quinquilharias, querosene, materiais de construção, dentre outros²¹.

Por meio dos jornais locais, é possível descrever produtos e serviços que estavam disponíveis para consumo em Ilhéus. Para este artigo, os anúncios descritos nos jornais foram divididos em categorias, descritas na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Comércio de produtos e de serviços na cidade de Ilhéus (1914 – 1923)

ANÚNCIOS	QUANTIDADE	%
Alimentos e bebidas	29	22,83%
Serviços de saúde, remédios e produtos para o bem-estar	26	20,47%
Vestimentas, tecidos e acessórios para composição dos trajes	20	15,75%
Serviços e profissionais liberais	14	11,02%
Hotéis e pensões	10	7,87%
Utensílios domésticos e mobiliário / Materiais para construção / Peças para automóveis	8	6,30%
Diversos	7	5,51%
Diversão / Lazer	5	3,94%
Estabelecimentos educacionais	4	3,15%
Compradores de cacau	4	3,15%
Total	127	100,00%

Fonte: Jornal de Ilhéus, 1914-1919; Jornal de Ilhéus, 1919-1920; A Época, 1920-1923; Correio de Ilhéus, 1921-1922; Correio de Ilhéus, 1922 - presentes na Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

Dentro da categoria de “alimentos e bebidas”, a que apresenta a maior quantidade de anúncios, vale destacar os estabelecimentos de secos e molhados: “Armazem²² de Armando Peixoto”, com “Vendas em grosso nas melhores condições da Praça”²³. O “Armazem de seccos

²¹ FREITAS, 2023.

²² Optou-se por manter a grafia original do contexto das palavras.

²³ *Correio de Ilhéus*, 1921-1922. Apesar da necessidade de apresentação de especificidades do jornal como fonte (número do jornal, data e página), neste artigo elas não serão apresentadas dada a dificuldade de identificação de tais informações nos jornais. Dessa forma, optou-se por referenciar apenas o nome do jornal, de acordo com a organização geral do CEDOC-UESC.

e molhados”, de José Ernestino²⁴. Ainda, o “Armazem Busanfan”, de Annibal Araujo²⁵. Além disso, havia anúncios de açougues, tabacarias, bebidas alcóolicas e padarias.

Abaixo, segue, na Figura 1, imagem do “Armazem Busanfan”:

Figura 1: “... primando pelo busanfanismo” – “Armazem Busanfan”



Fonte: Correio de Ilhéos, 1922 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

Ainda na categoria “alimentos e bebidas”, dentre os estabelecimentos com produtos importados, é possível destacar o armazém de A. Barra & Cia²⁶; o Bar Vesuvio²⁷, importante estabelecimento comercial da cidade de Ilhéus atualmente, atraindo turistas durante todo o ano; o estabelecimento de José Costa Alves²⁸; a propaganda da água sul mineira da cidade de Caxambú²⁹; e F. Stevenson & C. Ltd³⁰.

²⁴ *Correio de Ilhéos*, 1921-1922.

²⁵ *Correio de Ilhéos*, 1922.

²⁶ *Correio de Ilhéos*, 1922.

²⁷ *Correio de Ilhéos*, 1922.

²⁸ *Correio de Ilhéos*, 1921-1922.

²⁹ *Correio de Ilhéos*, 1922.

³⁰ *Jornal de Ilhéos*, 1914-1919.

Segundo Santos³¹, “como o que poderemos chamar de campo nada produz ou quase nada para sua subsistência, em vista da monocultura, seu papel, via de regra, é mandar vir de fora e de longe gêneros e utilidades, de que os lavradores forçosamente precisam”.

Apareceu no *Jornal de Ilhéos* uma crítica ao preço do pão, “cada vez mais microscópico”, mas com aumento de preço, diferentemente da carne, por exemplo, que havia barateado³².

Nas palavras de Milton Santos³³, a respeito da alimentação na zona cacauera da Bahia: “Os alimentos mais comuns na mesa do homem da zona do cacau, principalmente do trabalhador do campo, são a farinha de mandioca, o feijão, a carne seca. Das frutas quase que só aparece a banana, e isto por que serve de sombra aos cacauzeiros”. Ainda, “[...] o caju também aparece, em época de safra, perto do litoral e, mais para o interior, também a jaca e a laranja”. A carne “verde” era insuficiente para a população e, o peixe, comum entre os habitantes do litoral.

A categoria “serviços de saúde, remédios e produtos para o bem-estar”, forma a segunda maior categoria de anúncios. Nesta categoria, puderam ser observados médicos de diferentes especialidades, como especialistas em “doenças nervosas”, ginecologistas, obstetras e oftalmologistas; e, clínicas especializadas, como a do Dr. Alencar Motta, especializada em “aparelho circulatório, respiratório, digestivo e vias urinárias”³⁴.

Remédios vários também foram anunciados. A título de exemplo, cita-se: Emulsão de Scott, para a “saúde, vivacidade, boas cores”, sendo um produto para a “felicidade da mulher”³⁵. O vinho biogênico, anunciado como vinho que dá vida³⁶. Ainda, Nutron, descrito como tônico fortificante³⁷. Finalmente, menciona-se a Emulsão Jonas, para pessoas palidas, magras, fracas

³¹ SANTOS, 1957, p. 71.

³² *Jornal de Ilhéos*, 1914-1919.

³³ SANTOS, 1957, p. 102.

³⁴ *Correio de Ilheos*, 1922.

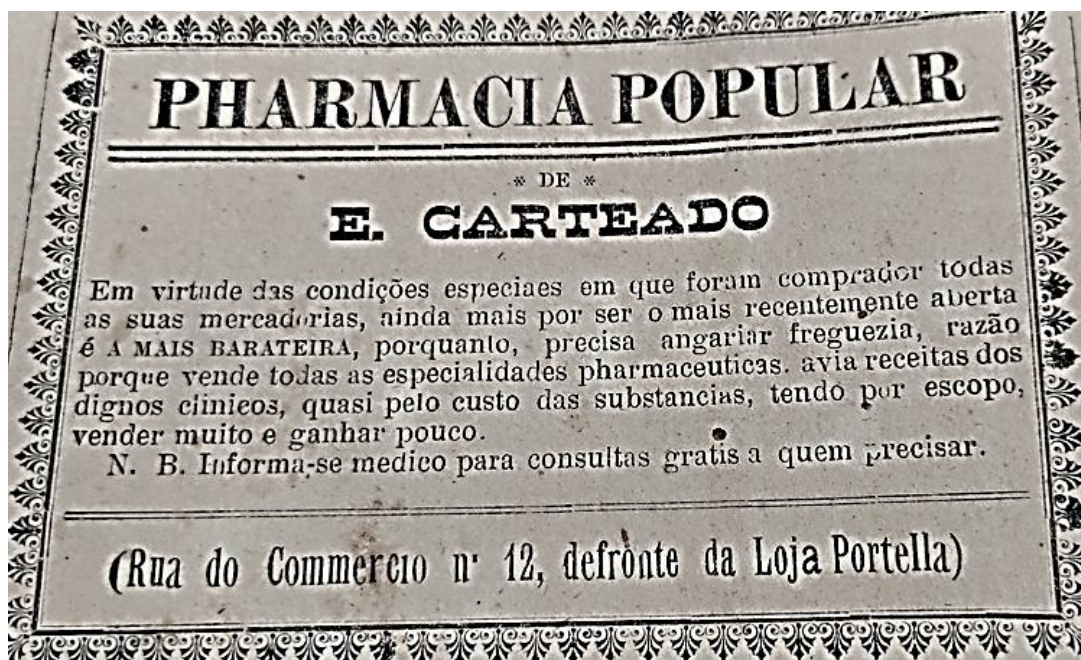
³⁵ *Jornal de Ilhéos*, 1919-920.

³⁶ A *Época*, 1920-1923.

³⁷ A *Época*, 1920-1923.

e neurasthenicas³⁸. Farmácias também estiveram presentes nos anúncios, como a Farmacia Popular de E. Carteado, cuja imagem do anúncio aparece na Figura 2 descrita abaixo:

Figura 2: “Pharmacia Popular” – “a mais barateira”, “consultas gratis a quem precisar”



Fonte: Jornal de Ilheos, 1919-1920 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

Além das diversas especialidades médicas e clínicas especializadas, é importante salientar a infinidade de remédios e produtos para o bem-estar, bem como os produtos para a “felicidade da mulher”. Produtos específicos para homens não apareceram em nenhum dos jornais pesquisados.

A categoria “vestimentas, tecidos e acessórios para composição dos trajes” foi composta por anúncios de roupas infantis, femininas e masculinas, sendo muito presente nos anúncios as marcações de gênero; acessórios para a composição dos trajes, como sapatos e chapéus também estiveram presentes nos jornais locais; perfumarias nacionais e importadas, onde os anúncios atestavam a qualidade; tecidos vários e finos, nacionais e importados; roupas de cama, mesa e banho.

³⁸ A Época, 1920-1923.

Os calçados “Atlas” eram anunciados em diferentes locais do Estado, inclusive em Ilhéus. Atestava o anúncio o conforto, a elegância e a durabilidade. Abaixo, segue Figura 3, com imagem do anúncio:

Figura 3: Calçados “Atlas” – “Calçado de fama real”, “sempre o melhor”



Fonte: Jornal de Ilhéus, 1914-1919 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

O fato de os calçados “Atlas” serem associados a uma “fama real, incontestável” atesta a superioridade daqueles sapatos para a composição da indumentária, esta que, durante muito tempo, contou com elementos produzidos sob encomenda, em pequena escala, e longe das fábricas. Schapochnik³⁹, ao escrever a respeito de vestimentas e composição de trajes para diferentes ocasiões no Brasil, ressalta o trabalho de alfaiates e costureiras, ou a confecção de roupas no ambiente doméstico:

Convém lembrar que durante muito tempo o vestuário dos brasileiros, desde a “roupa de ir à missa” ou os trajes de festa até as peças íntimas e de uso cotidiano, era feito sob encomenda por alfaiates e costureiras, quando não confeccionado no interior das moradas por membros da própria família. A diferenciação dos profissionais

³⁹ SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). *História da Vida Privada no Brasil*, Vol. 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 489.

espelhava o antagonismo entre o grupo masculino e feminino, com amplas repercussões na forma, cor e tecido das respectivas indumentárias.

A “Alfaiataria Corte Elegante”, de Jovenal Chagas, em Ilhéus, anunciava: “Bôa tesoura, bôa presteza, bom agrado e que preços agradáveis!!!”⁴⁰. Estabelecimentos de Itabuna, cidade vizinha, apareciam em alguns jornais, como o de Manoel Pereira Guedes⁴¹. E é possível a associação da venda de produtos do comércio local com o progresso da safra de cacau. Nos bons tempos, o dinheiro poderia ser gasto com compras pela cidade, como apareceu no anúncio da “Loja Vivi”, que dizia: “Por causa da safra, modas e objectos de luxo, só na Loja Vivi”⁴².

Abaixo, segue a Figura 4, com imagem de um dos vários anúncios de estabelecimentos comerciais voltados para “vestimentas, tecidos e acessórios para composição dos trajes”. A “Loja Esperança” comercializava uma infinidade de produtos voltados para as vestimentas e para a composição dos trajes.

Figura 4: “Loja Esperança” – “Ver e Crer”



Fonte: Correio de Ilhéos, 1922 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

⁴⁰ Correio de Ilhéos, 1921-1922.

⁴¹ A Época, 1920-1923.

⁴² Correio de Ilhéos, 1922.

Na categoria “serviços e profissionais liberais”, apareceram advogados; pintores e decoradores; tipografias; tabelião e escrivão; banqueiro; estabelecimento de seguros marítimos e terrestres; afinador de pianos; e, a demanda por pedreiros, para trabalharem nas edificações da cidade⁴³.

É possível considerar que alguns serviços eram desenvolvidos também por cacauicultores. Segundo Santos⁴⁴, “[...] inúmeros cacauicultores exercem, também, outras profissões, profissões ou atividades nitidamente urbanas, sem contar com o fato de que todo lavrador de cacau é, igualmente, um comerciante”.

A categoria “hotéis e pensões” foi formada por 10 estabelecimentos, sendo eles: “Pensão Fernandes”, de Jorge Ribeiro, com “Cosinha de primeira ordem”; “Hotel Costa”, “exclusivamente para exmas. famílias e viajantes”; “Pensão Sergipana”, de Antonio Mendonça; “Pensão Ideal”, com “cosinha higienica e meza opípara”, além de “preços commodos e razoaveis!”; “Hotel São Jorge”; “Pensão Silva”, da cidade vizinha de Itabuna; “Hotel São João”; “Pensão Portuguesa”; “Pensão Central”; e, “Grande Pensão das Nações”⁴⁵.

A Figura 5 abaixo traz o anúncio da “Pensão Sergipana”, que contava com “excellentes accomodações para viajantes e famílias”, além de pessoal habilitado para uma “cosinha de primeira ordem”.

Figura 5: “Cosinha de primeira ordem” – “Pensão Sergipana”



⁴³ A Época, 1920-1923; Correio de Ilhéos, 1921-1922; Correio de Ilhéos, 1922; Jornal de Ilhéos, 1914-1919; Jornal de Ilhéos, 1919-1920.

⁴⁴ SANTOS, 1957, p. 71.

⁴⁵ Correio de Ilhéos, 1921-1922; Correio de Ilhéos, 1922; Jornal de Ilhéos, 1919-1920.

Fonte: Correio de Ilhéos, 1922 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

Considerando a movimentação que o cacau gerava para a cidade, que passava a receber negociantes do produto, e viajantes atraídos pelo mesmo, é possível associar o número de hotéis e pensões àquela movimentação. Vale salientar que o fato de alguns estabelecimentos ressaltarem o público ao qual serviam, como o “Hotel Costa”, que servia “exclusivamente para exmas. famílias e viajantes”, era comum em outras regiões do Brasil⁴⁶, marcando divisões de classes.

Da categoria “utensílios domésticos e mobiliário / Materiais para construção / Peças para automóveis”, vale mencionar que utensílios domésticos e mobiliário apareceram pouco nos anúncios, sendo: louças, vidros, quadros, espelhos, aparelhos de chá e de jantar e tapetes.

A “Casa Andrade”, que comercializava molduras para quadros; espelhos; telas de vidro; aparelhos para quartos; aparelhos de jantar, café e chá; copos e talheres finos; e, tapetes; ressaltava que os produtos eram importados do Rio de Janeiro⁴⁷. Dos materiais para construção, apareceram, especialmente, ferragens. Peças para automóveis apareceram em um anúncio, da “Casa Navarro Lucas”, loja especializada em “legítimas peças Ford” e que “vende barato”⁴⁸.

Em se tratando de materiais para construção, vale uma descrição a respeito das casas na zona cacaueira, considerando as casas rurais e urbanas. Segundo Milton Santos:

[...] devemos distinguir as habitações da zona propriamente rural da dos centros urbanos, apresentando-se mais prêsas às exigências da civilização e do conforto que o dinheiro pode dar [...]. Na zona rural as casas são, geralmente, definitivas. Quase todas acanhadas, precárias, este seu estado reflete o nomadismo dos seus moradores, os trabalhadores, que costumam chegar no começo da safra, para se retirarem logo que ela termina. Não sendo definitiva a sua presença na fazenda, o plantador não se

⁴⁶ A “Confeitaria Estrella”, por exemplo, localizada na capital mineira, em Belo Horizonte, no início do século XX era “para elite e excelentíssimas famílias da capital”. O “Império”, Bar e Restaurante, também localizado na capital mineira no início do século XX, era “somente para excelentíssimas famílias” (FERREIRA, Natânia Silva. *O consumo na capital criada nos anseios da modernidade da Primeira República – Belo Horizonte (1894-1930)*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2022).

⁴⁷ Correio de Ilhéos, 1922.

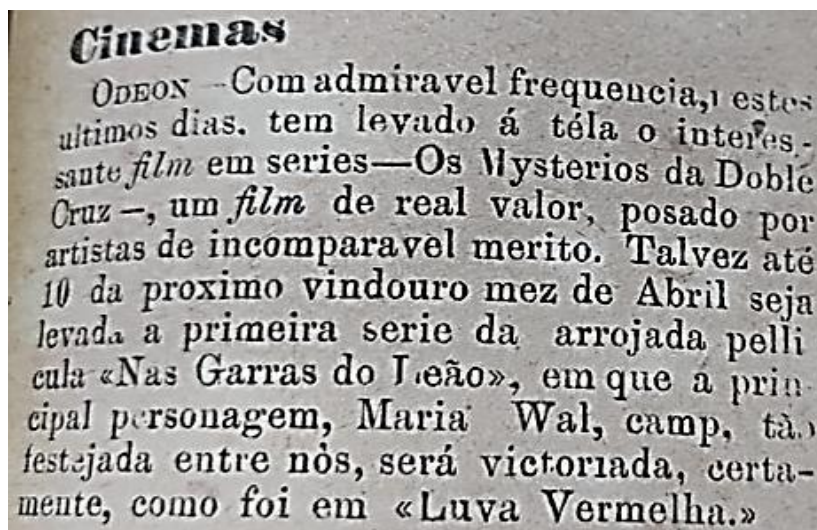
⁴⁸ Correio de Ilhéos, 1921-1922.

sente convidado a lhe dar habitações também definitivas. Limita-se a proporcionar-lhe um abrigo contra o tempo e as chuvas, ali tão abundantes⁴⁹.

Na categoria “diversos”, foram listados: ou estabelecimentos que vendiam uma infinidade de produtos, o que dificultava inseri-los em uma das categorias descritas acima, ou estabelecimentos cujos produtos vendidos não se encaixavam nas categorias descritas. Como exemplos, podem ser citados o estabelecimento “Chrysantemo”, que comercializava armas de fogo, máquinas de costura, botas de montaria e manequins. E também a “Casa dos Anjos”, que vendia molhados, gêneros de estiva, artigos de festas e embarcações⁵⁰.

A Categoria “diversão / lazer” conta com quatro cinemas e um circo no período de 1919 a 1923: “Ideal Cinema”; “Cinema Central – Cine Vesuvio”; “Cinema S. Jeronymo”; “Cinema Odeon”; e, “Circo Atrai”⁵¹, com anúncios tímidos nos jornais, sem imagens e ocupando pouco espaço das páginas, como é o caso do anúncio do “Cinema Odeon”, descrito na Figura 6 abaixo:

Figura 6: Cinema Odeon



Fonte: Jornal de Ilhéos, 1919-1920 – Coleção Hemeroteca do CEDOC – UESC.

A categoria “estabelecimentos educacionais” foi formada por quatro escolas: Escola “Mixta” Particular; “Collegio” S. Vicente, para semi-internos e externos do curso infantil,

⁴⁹ SANTOS, 1957, p. 53-54.

⁵⁰ A Época, 1920-1923; Correio de Ilhéos, 1921-1922; Correio de Ilhéos, 1922.

⁵¹ A Época, 1920-1923; Correio de Ilhéos, 1921-1922; Correio de Ilhéos, 1922; Jornal de Ilhéos, 1914-1919; Jornal de Ilhéos, 1919-1920.

primário e secundário; “Collegio” Carteador; e, Escola Normal N. S. da Piedade⁵². Esta última, se transformou em uma importante escola de Ilhéus na atualidade. Dados os anúncios referentes a estabelecimentos educacionais, vale refletir sobre o acesso à educação na época, para classes sociais determinadas.

Sendo Ilhéus uma cidade da zona cacauífera da Bahia, e uma das principais produtoras de cacau no início do século XX, foi elaborada a categoria “compradores de Cacau”, a última da Tabela 1, formada por anúncios relacionados ao produto. É possível citar: “F. Stevenson & C. Ltd – Casa Matriz em Liverpool”, que “compram cacau pelo melhor preço da praça”⁵³. O anúncio de “Hugo Kaufmann & Cia”, que também “compram cacau pelo melhor preço da praça”⁵⁴. Ainda, “Costa, Vieira & C. Compradores e exportadores de cacau”⁵⁵. E, finalmente, “Casa Darian & Ganen”, também compradores de cacau na cidade de Ilhéus⁵⁶.

Vale salientar os nomes estrangeiros. Ainda que sejam poucos os anúncios, três dos quatro se referem a nomes não brasileiros, o que possibilita refletir sobre quem dominava o mercado de compra de cacau, compradores estrangeiros que compravam de produtores para revender no mercado, nacional e internacional.

Segundo Santos⁵⁷, sobre grandes fazendeiros da zona cacauífera, “[...] é-lhes mais vantajoso comprar em mercados maiores, bem como neles vender o seu cacau, por preço que é sempre mais remunerador”. Aqueles fazendeiros encontravam atrativos e facilidades para colocação de seu cacau nas cidades contando, ainda, com os bancos, para suprir suas necessidades de dinheiro. Quanto aos pequenos lavradores:

[...] porém, sujeitam-se mais depressa à hierarquia, pois, tendo capital pequeno ou nenhum, além da própria roça, e não dispendo de transporte próprio, não só vendem, por antecipação, a futura safra, aos agentes locais das companhias exportadoras ou aos grandes fazendeiros, seus vizinhos, como fazem suas compras na localidade mais próxima, mesmo porque, morando na sua terra, da qual cuidam juntamente com a

⁵² A Época, 1920-1923; Jornal de Ilhéus, 1919-1920.

⁵³ Jornal de Ilhéus, 1914-1919.

⁵⁴ A Época, 1920-1923.

⁵⁵ Correio de Ilhéus, 1921-1922.

⁵⁶ A Época, 1920-1923.

⁵⁷ SANTOS, 1957, p. 80.

família, não lhes é vantajoso, nem econômico, ir exercitar relações comerciais longe de casa⁵⁸.

Ainda que, com limitações de uma cidade em crescimento – como as relacionadas a produção interna de certos gêneros de necessidade básica – situada na periferia da periferia do capitalismo, é possível pensar em uma Ilhéus passando por transformações econômicas, sociais, culturais e urbanas, e tendo o comércio – retratado no presente trabalho por meio de recortes de jornais – como um meio que possibilitava que bens e serviços circulassem pela cidade.

As palavras de Luca⁵⁹ podem ser reproduzidas aqui, pois auxiliam na compreensão do período do início do século XX na cidade de Ilhéus, mesmo não sendo uma capital.

As transformações conhecidas por algumas capitais brasileiras nas décadas iniciais do século XX foram, em várias investigações, perscrutadas por intermédio da imprensa [...] A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade [...] a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas [...].

Os anúncios de jornais ilheenses chamam atenção para uma reflexão acerca de que classe social ou que classes sociais tinham condições, tanto de acessar tais jornais, como de consumir os produtos e serviços oferecidos. Certamente, classes mais abastadas, talvez ligadas aos grandes fazendeiros e comerciantes de cacau. “Os sinais de riqueza estavam acompanhados, no cotidiano, das marcas da pobreza, não somente nas ruas e nas praças de Ilhéus, mas também nas estradas e caminhos da região”⁶⁰. Em uma sociedade marcada por grande concentração de renda, o consumo pode ser compreendido como uma forma de distinção social⁶¹.

⁵⁸ SANTOS, 1957, p. 80.

⁵⁹ LUCA, 2008, p. 120.

⁶⁰ FREITAS, 2023, p. 321.

⁶¹ Para uma análise da relação entre consumo e distinção social, cf.: BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2 ed. Tradução de Daniela Kern e Guilherme Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2011.

Vale ressaltar que não apenas os consumidores dos bens e serviços oferecidos para consumo formavam um estrato privilegiado da sociedade ilheense, mas também o grupo de comerciantes, pois possuía condições financeiras para anunciar seus produtos e serviços em jornais que circulavam pela cidade. Assim, o consumo na esfera da circulação em Ilhéus pode ser considerado um consumo específico para estratos sociais mais abastados, não para a população local como um todo.

O que circulou pela cidade? Consumo e cultura material em Ilhéus entre o final do século XIX e o início do século XX

A respeito da importância de estudos de cultura material, escreveu Daniel Roche⁶² que duas razões justificariam tais estudos:

Duas razões principais se conjugam atualmente para que nos interessemos pela história da civilização material, da cultura material, da vida cotidiana. Primeiramente, é um meio de contribuir para uma releitura mais geral da história econômica e social – de sermos fiéis à nossas origens intelectuais pessoais [...] Em seguida, essa história intelectual e cultural desejaria explicar os fenômenos da vida que, individual ou coletivamente, dizem respeito à apropriação.

Os objetos materiais que pertenceram a uma localidade específica representam a cultura local em formato de matérias, pois a utilização de uma ferramenta para trabalho ou um utensílio doméstico, por exemplo, possuem relação com o contexto cultural – mas também social e econômico – daquela localidade em um período específico. Assim, tais estudos são uma forma de, por meio da compreensão da vida cotidiana, contribuíram para uma História Econômica e uma História Social específicas. Além disso, tais estudos remetem ao consumo de bens, considerando que objetos materiais que circularam por uma localidade foram, ao menos em um determinado momento da história, consumidos por alguém.

Os objetos materiais que circularam por Ilhéus no período do presente estudo foram organizados em categorias, descritas na Tabela 2 a seguir:

⁶² ROCHE, 2000, p. 11-12.

Tabela 2: Objetos materiais que circularam por Ilhéus (passagem do XIX para o XX)

CATEGORIAS DE BENS	QUANTIDADE	%
Utensílios Domésticos	17	0,52%
Ferramentas para Trabalho	6	0,18%
Objetos de Uso Pessoal	6	0,18%
Peças de Mobiliário	4	0,12%
Total	33	100,00%

Fonte: Objetos materiais presentes no MCI e presentes nas imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

Daniel Roche⁶³, ao escrever sobre objetos em relação às suas necessidades ao longo do tempo, declarou:

Na cadeia que unia os objetos, a necessidade era um elemento maior. O móvel se caracterizava por sua mobilidade; era uma propriedade que se tornou, por oposição ao imóvel impossível de se deslocar, o essencial para designar o que ornava e guarnecia a casa. Como meio, os móveis respondiam à necessidade (o sono, a alimentação, o trabalho): a mesa para se alimentar, a cama para dormir, as cadeiras para conversar, a escrivaninha ou a bancada para o trabalho intelectual ou material orientavam espaço e atividades.

Os objetos materiais que circularam por Ilhéus nos séculos XIX e XX estão descritos nos Quadros 4, 5, 6 e 7, iniciando pelos Utensílios Domésticos:

⁶³ ROCHE, 2000, p. 230.

Quadro 4: Utensílios Domésticos

NOME DO OBJETO	MATERIAL	SÉCULO
Aparelho de jantar ⁶⁴	Cerâmica, caulin, tinta	XIX
Caneca	Metal	XIX
Caneca com alça decorada ⁶⁵	Metal	XIX
Castiçal em miniatura	Metal	XIX
Centro de mesa	Metal	XX
Conjunto Almofariz e Pilão ⁶⁶	Ferro fundido	XIX
Bacia ⁶⁷	Bronze	XX
Jarra ⁶⁸	Bronze	XX
Pote com tampa ⁶⁹	Metal	XIX
Copo infantil ⁷⁰	Metal	XIX
Ferro de passar casaca	Bronze	XIX
Ferro de passar à carvão		XIX/XX
Jarra ⁷¹	Prata	XIX
Lamparina em miniatura	Vidro	XIX
Lamparina	Metal	XX
Lampião	Metal e vidro	XIX
Salva ⁷²	Prata	

Fonte: MCI. Aparelho de jantar e Salva: imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

A primeira descrição do Quadro 4 é a de um aparelho de jantar. Comuns na atualidade, fazendo parte das mesas dos interiores domésticos, chegaram primeiramente nas casas de pessoas de mais posses:

Os talheres e a louça que conhecemos – o prato, a colher, a faca, o garfo – permitiam traçar a separação invisível entre os convivas, imposta pelas civilidades. Primeira etapa na individualização das maneiras à mesa foi a posse das tigelas pessoais, que se afirmava por uma decoração ou uma inscrição [...]. O prato, já corrente na cidade, chegou no campo no século XIX, raramente antes disso, exceto entre os ricos. Os materiais com que eram feitos os utensílios refletiam a hierarquia social: os mais

⁶⁴ Louça inglesa Meott Son & Company. Procedência: Miguel Gerralte.

⁶⁵ Descrição: Apresenta uma figura em formato de ave na alça e decorações em relevo no centro.

⁶⁶ Descrição: Conjunto de duas peças, almofariz e pilão.

⁶⁷ Descrição: Possui 27 centímetros de diâmetro.

⁶⁸ Descrição: Possui 24,5 centímetros de altura.

⁶⁹ Descrição: Objeto pode ter sido usado como bomboniere ou baleira.

⁷⁰ Descrição: Possui uma decoração em relevo, espaço destinado para gravação de nome.

⁷¹ Descrição: Utensílio apresenta decoração na parte superior.

⁷² Origem: Inglaterra / Londres. Pertenceu a Maria L. Mendonça. Foi doação de Diva Berbet Tavares.

comuns eram de madeira, em barro cru ou envernizado; os mais ricos em louça, estanho, cobre ou até prata⁷³.

Sobre as especificações de utensílios domésticos ao longo do tempo, vale ressaltar que nem sempre possuíam as funções às quais conhecemos hoje. Daniel Roche⁷⁴ escreve, por exemplo, sobre a utilização de talheres, do copo e da caneca:

O garfo foi primeiro um capricho real. Henrique II o impôs à Corte, com o prato, segundo o exemplo da Itália. Na época essa moda era reprovada pelos moralistas! No século XVIII, ela progrediu no mundo rural: uma família em dez possuía um garfo na Alsácia, onde ele progrediu após 1730-1760. O instrumento mais conhecido era certamente a colher [...] A faca na mesa era rara; os homens se serviam com mais frequência da sua faca de bolso. O copo e a caneca apareceram tardiamente: na Alsácia, eles figuravam em 5% dos inventários; em Brie, representavam, com os garfos, o progresso mais importante, em 95% dos lares dos ricos e notáveis, na metade dos de lavradores, e em 40% dos de camponeses.

Abaixo, segue na Figura 7, imagem do conjunto almofariz e pilão, utilizado como um triturador ou moedor de alimentos:

Figura 7: Conjunto almofariz e pilão de ferro fundido



Fonte: Objeto presente no MCI.

⁷³ ROCHE, 2000, p. 317.

⁷⁴ ROCHE, 2000, p. 317.

Seguindo os escritos de Daniel Roche⁷⁵, a respeito da história dos objetos, considerando especialmente utensílios domésticos do ambiente da cozinha: “[...] entre o povo notavam-se cada vez mais objetos de uso específico – jarras, açucareiros, oveiros, chaleiras ou cafeteiras – que, com os copos, os talheres, os pratos marcavam a influência das novas maneiras”, porém, não de todo o conjunto da sociedade, mas inicialmente “[...] visíveis no século XVII entre as elites, elas apareceram um século mais tarde entre as classes populares nas quais se espalharam com uma rapidez proporcional aos recursos”.

Abaixo, segue na Figura 8, imagem da jarra encontrada no Museu da Capitania de Ilhéus:

Figura 8: Jarra de prata



Fonte: Objeto presente no MCI.

Para além dos objetos destinados para utilização na cozinha, dos utensílios domésticos voltados para a alimentação, foram notados: castiçal, ferros de passar, lampião e lamparinas, que também estiveram presentes entre os utensílios domésticos que circularam por Ilhéus. A

⁷⁵ ROCHE, 2000, p. 318.

Figura 9 mostra uma lamparina, que certamente foi muito útil para a iluminação no período analisado neste trabalho:

Figura 9: Lamparina



Fonte: Objeto presente no MCI.

Os utensílios domésticos formam o maior grupo de objetos materiais que circularam por Ilhéus nos séculos XIX e XX, sendo a grande maioria deles, objetos utilizados no ambiente doméstico da cozinha, talvez por ser um dos ambientes das residências que mais demandam objetos materiais para o preparo de refeições, apresentação à mesa e para a realização de refeições. A reunião de pessoas em volta de uma mesa diz respeito não apenas ao alimento em si, mas envolve relações sociais e influências culturais:

Desde o século XVI, a mesa ditava maneiras de civilidade; no século XVIII, ela era o lugar expressivo de um outro prazer de comer. Da habitação do campo à moradia aristocrática, a diferença era grande, mas em ambos os casos a mesa respondia a uma

necessidade na relação do homem com o homem: nela a alimentação foi transfigurada em relações sociais⁷⁶.

Não apenas os objetos relacionados à cozinha e a alimentação possuem relações sociais e influências culturais por trás de seu uso. Isto vale, inclusive, para instrumentos de trabalho. A respeito dos objetos de trabalho que circularam por Ilhéus, segue o Quadro 5, descrito abaixo, com os nomes das ferramentas, material empregado na confecção (em alguns casos) e século de produção:

Quadro 5: Ferramentas para Trabalho

NOME DO OBJETO	MATERIAL	SÉCULO
Máquina de calcular		
Máquina de datilografia		1940
Máquina de costura ⁷⁷	Madeira e aço	XIX/XX
Máquina para dedetização ⁷⁸	Madeira e couro	XIX/XX
Molde para sapato	Madeira	XIX/XX
Plaina manual	Madeira e ferro	XX

Fonte: MCI. Máquinas de calcular e de datilografia: imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

De acordo com a informações presentes na Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC da UESC, tanto a máquina de calcular, como a máquina de datilografia, foram do Instituto de Cacau da Bahia (ICB), órgão estadual criado em 1931, com sede inicialmente em Salvador, mas que posteriormente foi transferida para Ilhéus. O ICB contribuiu para a concretização da cacauicultura na zona cacaueira: auxiliava na organização das atividades de comercialização e exportação do cacau; auxiliou na concretização de rodovias da zona cacaueira; apoiava o desenvolvimento da política econômica regional do cacau.

Dentre os objetos para trabalho, vale ressaltar a máquina de costura, que pode ser compreendida como uma ferramenta para trabalho doméstico e também para terceiros, em uma época em que a confecção de roupas, de forma manual e no ambiente doméstico, era bastante comum. Segundo Schapochnik⁷⁹, “a lida com a tesoura, linhas, dedais e agulhas foi amplamente

⁷⁶ ROCHE, 2000, p. 233.

⁷⁷ Descrição: Possui 40 centímetros de comprimento.

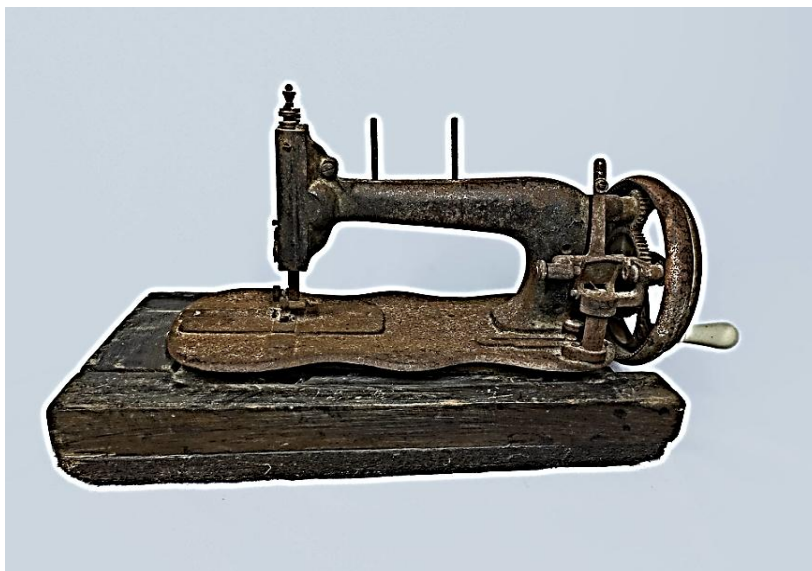
⁷⁸ Descrição: Possui 77 centímetros de altura.

⁷⁹ SCHAPOCHNIK, 1996, p. 490.

difundida no universo feminino, no campo e nas cidades. O ato de costurar e bordar fazia parte da rotina dos afazeres domésticos, e seu conhecimento era como que um pré-requisito para a boa dona de casa”.

Abaixo segue imagem da máquina de costura que circulou por Ilhéus, na Figura 10:

Figura 10: Máquina de costura



Fonte: Objeto presente no MCI.

Considerando o contexto analisado nesta pesquisa, pode-se afirmar que a máquina de costura foi um dos principais objetos de trabalho da época, especialmente pela sua dupla função, de servir ao espaço doméstico e também funcionar como ferramenta para trabalho que atendia a terceiros.

O Quadro 6 traz os Objetos de Uso Pessoal que circularam por Ilhéus nos séculos XIX e XX:

Quadro 6: Objetos de Uso Pessoal

NOME DO OBJETO	MATERIAL	SÉCULO
Estribo feminino	Bronze	XIX
Estribo ⁸⁰	Metal	XIX
Farda da guarda nacional		

⁸⁰ Descrição: Em formato de sapato, apresenta decoração.

NOME DO OBJETO	MATERIAL	SÉCULO
Par de estribos	Bronze	XIX
Par de sapatos femininos ⁸¹	Tecido e madeira	XX
Par de sapatos femininos ⁸²	Tecido e madeira	XX

Fonte: MCI. Farda da guarda nacional: imagem da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

Abaixo, segue a Figura 11, com imagem do par de estribos encontrado no Museu da Capitania de Ilhéus, utilizado para montar cavalos:

Figura 11: Par de estribos



Fonte: Objeto presente no MCI.

O par de estribos poderia ter pertencido, por exemplo, a algum fazendeiro ou produtor de cacau que residiu em Ilhéus. Talvez seja um dos poucos objetos materiais descritos neste artigo que se relacionem ao cacau, considerando que a atividade cacaueira, realizada no espaço rural, envolvia uma organização de rotina que envolvia animais, como cavalos, e estribos, que faziam parte das selas.

⁸¹ Descrição: Adornado com costura dourada e um arranjo em formato de flor.

⁸² Descrição: Adornado com costura dourada.

Marcelo Rede⁸³, ao escrever sobre os objetos materiais de uso pessoal, reforçou que, por mais que haja interferências sociais e culturais, as escolhas são dos indivíduos:

Um ponto em comum com abordagens já vistas é a ênfase no indivíduo como plataforma das operações culturais. Embora não se negue que a cultura se defina em um patamar supra-individual (como padrão interpessoal, por exemplo), o foco da atenção repousa nas atitudes individuais. São as escolhas do indivíduo, em um campo de limitações e possibilidades e em interação com outros comportamentos, que revelam a cultura e, por decorrência, se refletem na cultura material.

Na Figura 12 descrita abaixo, a imagem é referente a um dos sapatos femininos que circulou por Ilhéus:

Figura 12: Sapato feminino com costura dourada a arranjo de flor



Fonte: Objeto presente no MCI.

Os detalhes do bordado do sapato feminino revelam costumes de uma época à qual a importação de bens era oriunda, sobretudo, dos Estados Unidos e da França. Schapochnik⁸⁴, ao escrever sobre a moda do vestuário no início do século XX, salientou que “[...] vieram os

⁸³ REDE, Marcelo. “História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 4, p. 265-282, jan./dez., 1996, p. 270.

⁸⁴ SCHAPOCHNIK, 1996, p. 490.

tailleurs, os *soutiens-gorge* e os *dessous* bordados e rendados que proporcionavam uma nova silhueta ao corpo feminino”.

A moda rege não apenas as vestimentas ou os acessórios para a composição dos trajes. “Esta moda que toca em tudo é a maneira como cada civilização se orienta. É tanto o pensamento como o traje, a expressão de sucesso como o gesto de *coquetterie*, a maneira de receber à mesa, o cuidado ao fechar uma carta. É a maneira de falar [...]. É a maneira de comer [...]. Jantar, no século XVIII, era o que nós chamamos almoçar (...)”⁸⁵.

Da mesma forma, a moda rege os móveis presentes em uma residência. Poucas peças de mobiliário foram encontradas para a confecção deste artigo, sendo as observadas, descritas no Quadro 7 (com destaque para o relógio de parede importado dos Estados Unidos):

Quadro 7: Peças de Mobiliário

NOME DO OBJETO	MATERIAL	SÉCULO
Cristaleira	Madeira, mármore, espelho e cristal	Fim do XIX
Guarda roupas ⁸⁶		Fim do XIX
Mesa de centro ⁸⁷	Madeira	XIX/XX
Relógio de parede ⁸⁸		Fim do XIX

Fonte: imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC: Pasta IL/CL/09.

Na Figura 13 é possível visualizar imagem da mesa de centro que circulou por Ilhéus na passagem para o século XX:

⁸⁵ BRAUDEL, 1997, p. 296.

⁸⁶ Pertenceu a Theodolino e Ernestina Berbet. Doação de Ernestina Berbet Tavares (Mineta).

⁸⁷ Descrição: Possui 40 centímetros de altura e 62 centímetros de largura.

⁸⁸ Origem: Estados Unidos.

Figura 13: Mesa de centro de madeira



Fonte: Objeto presente no MCI.

A respeito de uma trajetória dos móveis ao longo da história, Roche⁸⁹ escreve sobre vários deles e sobre as funções, que foram se firmando ao longo do tempo:

No local geométrico da vida familiar, dormiam, recebiam, consumiam, efetuavam a maior parte dos trabalhos domésticos diários. Móveis simbolizavam o percurso da vida: o cofre, a cama, a mesa e as cadeiras, a masseira, o relógio. Dos interiores modestos às moradias complexas, eles podiam aumentar em quantidade e melhorar em qualidade, responder a necessidades de arrumação desenvolvidas pela riqueza e acumulação, mudar de significado. A evolução que observamos nos objetos conservados chega a um certo grau de especialização, mas esta não era imediatamente perceptível: às vezes a cama era um cofre, o cofre era também um assento e podia servir de mesa.

Apenas com as informações presentes no acervo do MCI e na Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC, não é possível se chegar a conclusões mais precisas a respeito dos objetos descritos e analisados, como, por exemplo: a quem pertenceram os objetos, considerando classe social; como os objetos chegaram aos acervos (doação, presente, etc.), a procedência dos objetos (se local, nacional ou internacional; qual o significado simbólico dos objetos apresentados para a época; porque tais objetos estão nos acervos e não outros. Todavia, o

⁸⁹ ROCHE, 2000, p. 226.

conjunto de objetos materiais analisado no presente trabalho serviu para a compreensão de uma materialidade específica, de uma cidade do sul baiano em uma época determinada da história.

Foram observados objetos de um cotidiano não tão sofisticado, salvo algumas exceções, como a jarra de prata, a lamparina (poderia ser considerada um luxo, por exemplo, a depender da classe social analisada), o sapato feminino e a cristaleira, que são objetos que podem ser considerados de classes mais abastadas. Embora a maioria dos objetos seja de um cotidiano não tão sofisticado, o fato de terem sido encontrados nas imagens da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC e no MCI, faz crer que pertenceram a pessoas com certo poder na sociedade e que, por isso, tiveram seus pertences preservados ao longo do tempo.

Assim, da mesma forma que no caso do consumo na esfera da circulação, analisado por meio dos bens e serviços disponíveis no comércio de Ilhéus – presentes nos recortes de jornais avaliados neste artigo – os objetos materiais averiguados, que clarificam a relação entre consumo e cultura material, revelam o consumo de estratos sociais ilheenses mais abastados, o consumo em uma cultura específica, que não se estendia à população local como um todo.

O que realmente foi consumido? Consumo e apropriação social em Ilhéus (1907-1929)

Inventários *post-mortem* são fontes amplamente utilizadas em História Econômica: contribuem para o entendimento de estruturas de riquezas; informam sobre o endividamento de uma sociedade, por meio de dados da categoria de dívidas; servem para a compreensão da composição de famílias; possuem informações importantes para estudiosos da escravidão; servem de base para percepção de práticas de consumo e de transformações na cultura material de determinada localidade, já que descrevem os bens que foram deixados como herança⁹⁰.

Retomando as análises mais gerais deste artigo, com base nos anúncios de jornais locais, foi possível notar os produtos e serviços disponíveis para consumo em Ilhéus no início do século XX. Considerando os objetos materiais, foi possível perceber quais foram os objetos que estiveram presentes no contexto ilheense. Na presente subseção, com foco nos inventários *post-*

⁹⁰ Sobre possibilidades e limitações dos inventários *post-mortem*, ver: FURTADO, Júlia Ferreira. Testamentos e Inventários – A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). O Historiador e suas Fontes. São Paulo: Contexto, 2015.

mortem do início do século XX, será possível averiguar o que foi consumido e deixado por um estrato social ilheense: a amostra de inventariados/as locais.

Os/As 32 requeridos/as, cujos processos de inventários *post-mortem* foram utilizados neste artigo, apresentaram a estrutura de riqueza disposta na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Estrutura de riqueza de um estrato social ilheense (1907 – 1929)

BENS	VALOR EM RÉIS ⁹¹	%
Imóveis Rurais	415:834\$550	65,92%
Dívidas Ativas	102:756\$893	16,29%
Dinheiro	77:697\$600	12,32%
Imóveis Urbanos	23:133\$333	3,67%
Animais	11:066\$000	1,75%
Móveis	348\$000	0,06%
Monte-Mor	630:836\$376	100,00%

Fonte: Inventários *post-mortem* (1907-1929) presentes no MCACI.

Se com a utilização de jornais locais e com a análise dos objetos materiais, foi possível compreender o consumo de bens móveis, com os inventários, as análises se voltam para a categoria de bens “Imóveis”, sobretudo os rurais. Aproximadamente 66% dos bens eram imóveis rurais, representando um valor considerável dentro da soma total de bens, o Monte-Mor. Apenas 6 dos 32 inventários *post-mortem* não apresentaram bens imóveis rurais.

Abaixo, segue a Tabela 4, com a apresentação da divisão dos bens “Imóveis Rurais” dos/as inventariados/as:

⁹¹ É comum, em trabalhos com inventários *post-mortem*, haver a deflação dos valores em réis, sendo o mais usual, a conversão de réis para libras esterlinas. No caso deste artigo, sendo o mais importante a composição da estrutura de riqueza, não houve tal necessidade.

Tabela 4: Divisão dos Imóveis Rurais de um estrato social ilheense (1907 – 1929)

IMÓVEIS	VALOR EM RÉIS	%
Culturas	151:367\$800	55,30%
Casas	60:310\$000	22,03%
Terras	54:875\$250	20,05%
Barcaças	7:150\$000	2,61%
TOTAL	273:703\$050 ⁹²	100,00%

Fonte: Inventários *post-mortem* (1907-1929) presentes no MCACI.

Dentre os bens descritos na Tabela 4, mais da metade, 55,30%, era de culturas e, dentre elas, a grande maioria era pés de cacau. Foram contabilizados cerca de 204.500 pés de cacau, sendo cacaueiros frutíferos, que já haviam atingido a maturidade, e cacaueiros novos, de até dois anos, o que reforça a presença do cacau na cidade de Ilhéus. Dentre as culturas, foram contabilizados também cerca de 900 pés de café. As casas, eram casas de moradas nas fazendas, em sua maioria, e algumas casas para trabalhadores. As terras, eram, em sua maioria, terras virgens. As barcaças também merecem atenção, pois eram necessárias para o cultivo do cacau após a colheita.

Seguindo a ordem de apresentação dos bens da Tabela 3, figuram-se as “dívidas ativas”. A categoria de “dívidas ativas”, juntamente com a de “dinheiro”, chama atenção para, mesmo dentro de um pequeno grupo de inventariados/as, uma grande concentração de riqueza. Apenas 5 inventários possuíam dívidas ativas e, dentre esses 5, um apresentou o valor de 67:834\$161, correspondente a mais da metade do valor monetário de toda a categoria. No caso da categoria “dinheiro” da Tabela 3, o valor de 77:697\$600, oriundo de apenas um inventário *post-mortem*, era referente a dois depósitos realizados no “The Bristisk Bank of South America Ltd”. Os inventários analisados geralmente apresentavam os nomes dos devedores e os valores das dívidas, mas não mais detalhes.

⁹² A diferença entre este valor do somatório dos bens que compõem os Imóveis Rurais (273:703\$050), com o valor de Bens Imóveis Rurais apresentado na Tabela 4 (415:834\$550) se deu porque, em alguns inventários, apesar de haver indicação de Bens Imóveis, com seus valores totais, não houve uma separação que pudesse indicar categorias específicas.

Tratando-se de concentração de riqueza, vale destacar que, do valor total de Monte-Mor dos 32 inventários, de 630:836\$376, um processo apresentou Monte-Mor de 210:732\$100, um apresentou a soma total dos bens de 105:705\$520, e outro apresentou o valor total de 85:167\$494. O restante dos processos apresentou somatórios de 1:000\$000 a 25:000\$000.

As dívidas passivas⁹³, bem como as custas com os processos de inventários, não serão descritas neste artigo, pois o principal objetivo foi compreender o que formava a riqueza de um estrato social ilheense. Foi possível notar um grupo social voltado para a atividade cacauera, onde os pés de cacau foram os principais bens observados e, ao mesmo tempo, dentro deste grupo social, uma “elite”, que concentrava dívidas ativas e dinheiro.

Dentre os bens “imóveis urbanos”, foram listadas casas para moradas e casas para negócios no espaço urbano de Ilhéus, sem mais detalhes acerca de tais casas e dos negócios que elas abrigavam.

“animais” estiveram presentes em 10 dos 32 inventários. A grande maioria dos animais listados foi burro de carga: da totalidade de 52 animais, nos 10 documentos que apresentaram a categoria, 35 ou 67% eram burros, que certamente eram utilizados para transporte de cacau. Além deles, apareceram bois, cavalos e ovelhas.

Os bens “móveis” formam o menor conjunto de bens, não apenas pela quantidade, mas pelos pequenos valores monetários a eles atribuídos. Os móveis foram encontrados em apenas 5 dos 32 inventários. Dentre estes bens, estavam: tachos, peças de louças, uma mala, duas cadeiras, um banco, 7 tábuas, uma lata de azeite de dendê, peças de ouro, balcões para secagem de cacau, uma máquina de costura e uma canoa pequena. Um inventário apresentou acessórios para vestimentas, mas não descritos nos “bens móveis”, e sim em uma nota de compra: eram aproximadamente 60 metros de tecidos variados, dentre veludos, sedas, tecidos de algodão, crepes e cetins; bem como, brochas, emblemas e fitas.

Assim como diversas fontes, inventários *post-mortem* também apresentam restrições, por exemplo: podem apresentar distorções de valores e informações; ocultamento de bens; de certa forma, representam apenas uma fração de uma sociedade (aquela que possuía condições

⁹³ Apenas um inventário apresentou Dívida Passiva, no valor de 11\$034\$729.

para a realização de um inventário); envolvem a morte de uma pessoa, mas não retratam fatos relevantes ocorridos ao longo da vida desta pessoa. Entretanto, tais limitações não impedem que tais documentos sejam suporte para diferentes pesquisas dentro da História Econômica.

Com a utilização de uma amostra de inventários *post-mortem*, foi possível compreender o que realmente foi consumido por pessoas da sociedade de Ilhéus no início do século XX. Os bens móveis, que foram os descritos e analisados quando se tratou dos recortes de jornais e dos objetos materiais, foram pouco importantes para a amostra de inventários, sendo os imóveis rurais os mais relevantes. Em uma época de desenvolvimento do cacau em Ilhéus, é possível atestar a relevância dos bens imóveis rurais, com destaque para os relacionados à cacauicultura.

Sendo assim, vale refletir sobre a classe social ou as classes sociais que foram retratadas neste conjunto de fontes: certamente, formadas por indivíduos mais abastados, que estavam relacionados à economia cacauera local e/ou regional. E, mesmo dentro da amostra de inventários, foi possível encontrar concentração de riqueza: do total de 32 inventários, com Monte-Mor geral de 630:836\$376, apenas 3 concentraram mais da metade deste valor. A configuração social retratada pelos inventários chama atenção para desigualdade social presente na sociedade local, questão que já foi assinalada neste artigo.

Portanto, da mesma forma como foi refletido sobre o consumo na esfera da circulação, com base nos bens e serviços disponíveis no comércio ilheense – presentes nos recortes de jornais avaliados neste artigo; e da mesma forma como foi refletido sobre os objetos materiais presentes nas fotografias da Coleção Cultura (Objetos) do CEDOC – UESC e no MCI, que clarificaram a relação entre consumo e cultura material; também com a reflexão oriunda do conjunto de inventários *post-mortem*, o consumo pela óptica da apropriação social ilheense, do ponto de vista do que foi, de fato, consumido, ao longo da vida de inventariados/as e foi deixado de herança, também revela uma prática de consumo de estratos sociais mais abastados, concentradores de renda.

Na cidade que se desenvolvia social, econômica e culturalmente tendo a atividade do cacau como a principal, o consumo, de forma geral, pode ser compreendido como um divisor de classes sociais, onde as classes mais abastadas foram as que figuraram nas fontes deste

trabalho, devido às observações dos bens disponíveis para consumo no comércio local, dos bens que retrataram a cultura em forma de matéria, e dos bens que foram realmente consumidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SIGNIFICADOS DO CONSUMO NA CIDADE DE ILHÉUS DA PASSAGEM PARA O SÉCULO XX

Para compreender o consumo na cidade de Ilhéus da passagem do século XIX para o século XX, neste artigo, analisou-se o termo sob três ópticas: com a utilização de recortes de jornais locais, abordou-se consumo e comércio; por meio de objetos materiais, trabalhou-se com a noção de consumo e cultura material; tendo por base inventários *post-mortem*, focou-se na apropriação de bens de um estrato da sociedade ilheense.

Partindo-se da relação entre consumo e comércio, foi possível notar os variados bens e serviços disponíveis para consumo no início do século XX: alimentos e bebidas; vestimentas, tecidos e acessórios para composição dos trajes; utensílios domésticos e mobiliário; materiais para construção; serviços de saúde, remédios e produtos para o bem-estar; serviços e profissionais liberais; estabelecimentos educacionais; hospedagens; estabelecimentos para diversão e lazer. O comércio conferia certa movimentação econômica a Ilhéus, mesmo que os bens e serviços oferecidos não circulassem por toda a população local.

Através da relação entre consumo e cultura material, foi possível analisar os diferentes objetos materiais que circularam por Ilhéus nos séculos XIX e XX, considerando sobretudo suas características físicas, mas também reflexões a respeito de seus significados sociais. Ferramentas de trabalho, peças de mobiliários, objetos de uso pessoal e utensílios domésticos formaram as categorias de objetos analisados.

Finalmente, tratando-se de consumo e apropriação social, foi possível notar os bens deixados por um estrato social, uma camada privilegiada da sociedade ilheense que tinha uma estrutura de riqueza onde o cacau poderia ser considerado o principal ativo. Dentro do interior deste estrato social, havia ainda uma elite composta por pouquíssimos/as inventariados/as, que concentrava a grande maioria da riqueza da amostra.

Bens nacionais, em sua grande maioria, e alguns bens importados, fizeram parte do cotidiano ilheense. Averiguando o que havia para consumir; analisando os objetos materiais que circularam pela cidade; e observando o que realmente foi consumido por um estrato social, é possível afirmar que, por um lado, dos bens disponíveis para o consumo, bem como, dos objetos materiais que circularam pela cidade, pouco se remetia ao cacau; porém, por outro lado, quando da análise dos bens que realmente foram consumidos, pouco apareceram bens móveis ou objetos materiais, mas figuraram os imóveis rurais, com destaque para os pés de cacau.

Em uma cidade situada na periferia da periferia do sistema capitalista, onde técnicas produtivas, bem como, outras atividades agropecuárias ou outros setores econômicos – como o industrial – pouco avançavam, o consumo tem um significado importante, podendo ser compreendido como uma atividade promotora da movimentação social e sistemática econômica local.

A dinamização social e a sistemática econômica moldadas pelo consumo analisado no presente artigo, porém, beneficiavam estratos sociais determinados, e não toda a população local. Na Ilhéus que se desenvolvia social, econômica e culturalmente, tendo a atividade do cacau como a principal, a análise do consumo nos três segmentos averiguados neste texto – consumo na esfera da circulação; consumo e cultura material; consumo e apropriação social – diziam respeito a classes determinadas, classes sociais que se distanciavam do restante de uma população de poucas posses, pouca influência e pouco poder político.

Os discursos presentes nos jornais locais fazem com que se acredite que os anúncios eram direcionados a pessoas determinadas, com condições financeiras para adquirir os bens e serviços oferecidos; bens e serviços para estratos determinados, mas que eram ofertados por comerciantes também de um certo grupo social, que possuía condições de anunciar nos jornais. Os objetos materiais analisados também contribuem para que afirme que pertencerem a pessoas ou famílias de posses e influência em Ilhéus e, por isso, foram preservados por tantos anos. Por fim, a análise dos bens deixados por inventariados/as mostra grande concentração de riqueza em um pequeno número de documentos, o que chama atenção para a desigualdade social local.

Na época que envolve o presente estudo – com destaque para a passagem do século XIX para o século XX – novo período se inaugurava no Brasil: o período republicano, que promovia

transformações políticas, sociais, culturais, econômicas e urbanas no Brasil. Além disso, o país sentia os efeitos da segunda Revolução Industrial, principalmente com os novos produtos produzidos nos países centrais e que chegavam aos países subdesenvolvidos para suprimento das necessidades das elites. Dentro das transformações da passagem do século XIX para o XX, com foco sobretudo nas sociais, culturais e econômicas, o consumo pode ser entendido como a concretização de novos costumes de vida e intensificador de distinções sociais.

Na Introdução deste artigo, definiu-se História Econômica, e vale reproduzir aqui uma parte da definição, que afirma que a História Econômica “[...] deve dar conta [...] de identificar as formas pelas quais os homens satisfazem suas necessidades materiais”. Satisfazer necessidades materiais diz respeito à produção, circulação e consumo de bens materiais. Este artigo, portanto, tentou contribuir com a História Econômica de uma cidade específica, com uma economia própria em uma época determinada, considerando a satisfação das necessidades materiais de parte de sua população, por meio de análises voltadas ao consumo.

REFERÊNCIAS

FONTES

INVENTÁRIOS POST-MORTEM. Presentes no Museu do Cacau da cidade de Ilhéus.

OBJETOS MATERIAIS. Localizados no Museu da Capitania de Ilhéus e em imagens da Coleção Cultura (Objetos) do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz – pasta IL/CL/09.

RECORTES DE JORNAIS LOCAIS. Da coleção Hemeroteca do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz.

OBRAS GERAIS

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5. ed. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Tradução de Daniela Kern e Guilherme Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV-XVIII)*. Vol. 1: As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva. “Cacau, riqueza de pobres”. In: COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva (Orgs.). *Cacau, riqueza de pobres*. Ilhéus: Editus, Editora da UESC, 2015.

FERREIRA, Natânia Silva. *O consumo na capital criada nos anseios da modernidade da Primeira República – Belo Horizonte (1894-1930)*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2022.

FILHO, Adonias. *Sul da Bahia: chão de cacau – uma civilização regional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. *Os donos dos frutos de ouro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1979.

FURTADO, Júlia Ferreira. “Testamentos e inventários – a morte como testemunho da vida”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. *A Bahia em pedaços*. Tradução de Aloísio Santos da Cunha e Rafael Sancho Carvalho da Silva. Ilhéus, BA: Editus, 2023.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim; FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. *Diagnóstico socioeconômico da região cacaueira*. Vol. 8: História econômica e social da região cacaueira. Rio de Janeiro: CartoGráfica Cruzeiro do Sul, 1975.

LUCA, Tania Regina de. “Fontes impressas – história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Nuno. “As reformas na monarquia pluricontinental portuguesa: de Pombal a dom Rodrigo de Sousa Coutinho”. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *O Brasil colonial*. Vol. 3 (1720-1821). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

REDE, Marcelo. “História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. sér., v. 4, p. 265-282, jan./dez. 1996.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAES, Alexandre Macchione; SAES, Flávio Azevedo Marques de. *História econômica geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.

SANTOS, Milton. *Zona do cacau – introdução ao estudo geográfico*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

Recebido em: 18/08/2025 Aprovado em: 07/02/2026.